

## Reflexões sistêmicas e construcionistas na abordagem de orações relacionais realizadas com o verbo ser

Systemic and constructionist reflections on the approach to relational clauses realized with the verb *to be*

Jhonathan Leno Reis França Santana<sup>1</sup>  
Gesiény Laurett Neves Damasceno<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo avalia a plausibilidade de uma interface entre a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2004) e o modelo construcionista de Goldberg (1995; 2006) para o tratamento de orações relacionais com o verbo *ser*. Parte-se da hipótese de que essas orações configuram subesquemas construcionais da macroconstrução [SN + Vcop + X], cujas variações atributivas e identificativas resultam da articulação entre escolhas sistêmico-funcionais e princípios construcionais de herança e polissemia. O *corpus* é composto por 48 relatos de violência homofóbica, publicados por sites jornalísticos entre os anos de 2014 e 2019, de onde foram extraídas 124 orações relacionais intensivas. Aplicou-se codificação manual, com foco no Parâmetro de Papéis Temáticos das Estruturas Emparelhadas. Os resultados mostram que, a partir de uma abordagem quali-quantitativa integrando GSF e GC, cada oração relacional com *ser* instancia um subesquema da macroconstrução [SN + Vcop + X] diferenciado pela natureza do terceiro slot (SAdj ou SN) e pelos papéis ideacionais projetados. No *corpus*, o modo atributivo predominou, com 98 ocorrências (79,04%), em contraste com 26 identificativas (20,96%). Observou-se que as construções qualificativa, classificativa e identificativa refletem, respectivamente, gradientes de avaliação, categorização e definição, demonstrando como escolhas metafuncionais (GSF) se entrelaçam a esquemas construcionais (GC) na produção de significado.

**Palavras-chave:** Orações relacionais. Verbo Ser. Gramática sistêmico-funcional. Gramática de construções.

**Abstract:** This study assesses the plausibility of an interface between Systemic Functional Grammar (Halliday; Matthiessen, 2004) and Goldberg's Constructionist model (1995; 2006) for the analysis of relational clauses with the verb *ser* ("to be"). It is hypothesized that these clauses constitute constructional subschemas of the macroconstruction [NP + Cop + X], whose attributive and identificative variations result from the interplay between systemic-functional choices and constructional principles of inheritance and polysemy. The corpus consists of 48 reports of homophobic violence published on news websites between 2014 and 2019, from which 124 intensive relational clauses were extracted. Manual coding was carried out with a focus on the thematic roles of paired structures. The results show that, through a quali-quantitative approach integrating SFG and Construction Grammar, each relational clause with *ser* instantiates a subschema of the macroconstruction [NP + Cop + X], differentiated by the nature of the third slot (AdjP or NP) and by the projected ideational roles. In the corpus, the attributive mode predominated, with 98 occurrences (79.04%) as opposed to 26 identificative ones (20.96%). It was observed that the qualificative, classificative, and identificative constructions respectively reflect gradients of evaluation, categorization, and definition, demonstrating how metafunctional choices (SFG) intertwine with constructional schemas (CG) in the production of meaning.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [lenoreisf@gmail.com](mailto:lenoreisf@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Línguas Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [gesieny@yahoo.com.br](mailto:gesieny@yahoo.com.br).

**Keywords:** Relational clauses. Verb *To Be*. Systemic functional grammar. Construction grammar.

## Introdução

Nos últimos 30 anos, observa-se um crescente interesse pela Linguística Sistêmico-Funcional no campo dos estudos funcionalistas do português brasileiro, embora essa teoria tenha sido desenvolvida desde o início da segunda metade do século XX (Halliday, 1957; 1961). Já existem importantes descrições gramaticais, baseadas nesse paradigma, das orações em textos falados e escritos do português brasileiro. No entanto, ainda há muito a ser feito para alcançar uma descrição detalhada dos diversos sistemas gramaticais componentes do Sistema de Transitividade (Halliday; Matthiessen, 2014). Entre as áreas que necessitam de maior refinamento, destaca-se o domínio das orações relacionais, que é o foco desta investigação.

Para a Linguística Sistêmico-Funcional (daqui em diante LSF), orações relacionais consistem em recursos semióticos de que falantes de uma língua natural dispõem para representar relações entre entidades materiais ou semióticas e suas qualidades, classes e características identificadoras (Halliday, 1985; 1994; Matthiessen, 1991; 1995; Davidse, 1992; 2002; Halliday; Matthiessen, 1999; 2014). Um exemplo desse tipo de oração é o dado a seguir:

(1) Eu e meu namorado temos receio de andar de mãos dadas em muitos pontos da cidade por medo de sermos vítimas de agressões verbais ou mesmo físicas, mas *nossa melhor resposta (Identificado) tem sido (Processo) ignorar e permanecer de mãos dadas (Identificador)* (Giusti, 2014).

A estrutura das orações relacionais é composta por dois participantes obrigatórios e um processo, caracterizado por um fluxo temporal neutro (-aspectual) ou monofásico (+aspectual). Na oração anterior, o participante Identificado codifica uma entidade semiótica, enquanto o Identificador expressa seu significado, descrevendo suas características identificadoras. O grupo verbal que realiza o processo reflete um fluxo temporal monofásico (iterativo), motivado pela necessidade do falante de representar ações repetidas em defesa de algo importante.

A estrutura tripartite é essencial à natureza do significado expresso por essas orações, cujo propósito é destacar, de uma entidade material ou semiótica, suas qualidades, classificação, características identificadoras e significados. Em termos semânticos, trata-se de uma relação entre dois elementos experenciais — os participantes — que fazem referência a uma única entidade. Nesse contexto, um desses elementos, seja o Identificado ou o

Identificador, realiza uma referência primária e mais forte, enquanto o outro atua como uma expansão do significado do primeiro.

O foco deste trabalho recai sobre as orações relacionais intensivas, especialmente aquelas em que o verbo *ser* realiza o processo. O objetivo é analisar como essas orações são empregadas para representar a violência homofóbica e, a partir disso, explicitar as propriedades sintático-semânticas presentes no subsistema das orações relacionais do português brasileiro.

Propomos uma abordagem que se distancie de tentativas de replicar o sistema relacional com base nas categorias do inglês, buscando compreender as relações de atribuição e identificação como macrocategorias, que englobam categorias intermediárias. Essas categorias interagem com as escolhas feitas no modo da oração e seus elementos realizadores, refletindo as particularidades do português brasileiro na construção de significado relacional.

A discussão apresentada aqui orienta-se para o nível metateórico da gramática sistêmico-funcional, concentrando-se na integração da noção de construção à base conceitual dessa teoria, além de explorar seus modos de operação. Argumenta-se que a adoção dessa noção fortalece a análise e interpretação das orações relacionais, pois possibilita a explicação das relações analógicas entre os significados dos diferentes tipos de orações, algo não abordado por Halliday e Matthiessen (2014). A introdução do conceito de construção implica considerar os elos e nós entre as diversas construções de uma língua natural (Langacker, 1987). Nesse sentido, busca-se interpretar as relações analógicas nas orações relacionais como elos polissêmicos, resultantes do processo de generalização da construção relacional, cujo significado básico é a descrição de entidade. Defende-se que os significados mais específicos dos tipos de orações relacionais intensivas originam-se dessa descrição, pois a noção de descrição abrange tanto relações de atribuição de qualidade ou classe quanto relações de identificação.

Este estudo adota uma abordagem qualitativo-interpretativa voltada a observar, descrever e interpretar os aspectos semânticos e sintáticos das orações relacionais. O *corpus* reúne 124 orações relacionais intensivas, extraídas de 48 sequências narrativas de vítimas de violência homofóbica. Essas sequências provêm de seis reportagens *online* publicadas entre 2014 e 2019, em portais jornalísticos dedicados a diferentes esferas da vida social (Giusti, 2014; Miranda, 2016; Perobelli, 2016; Oliveira; Jorge, 2017; Querino, 2018; Fernandes, 2019). As orações selecionadas codificam estruturas representacionais teleologicamente orientadas a descrever episódios de violência sofrida no exercício das identidades de gênero ou de orientação sexual.

A investigação procura responder a três questões centrais: (1) De que modo as orações relacionais intensivas contribuem para construir significados sobre a violência

homofóbica nas narrativas das vítimas? (2) Como os participantes e processos dessas orações espelham dinâmicas de atribuição e identificação no âmbito das identidades de gênero e orientação sexual? (3) De que forma a articulação entre construção, elos de polissemia e esquematicidade potencializa a análise semântica e sintática das orações relacionais?

A literatura funcional evidencia pontos de interseção entre vertentes do Funcionalismo linguístico — sobretudo a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) — e a Gramática de Construções (GC). Todavia, a justaposição que propomos exige elucidar a singularidade da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), cuja orientação sociossemiótica privilegia a relação entre linguagem e sistemas sociais (Halliday, 1978; Halliday; Matthiessen, 2004). Nessa ótica, categorias gramaticais concretizam significados culturalmente situados, excedendo tanto a mera descrição de práticas discursivas quanto a redução a categorias cognitivas individuais (Fawcett, 2000). A GSF aprofunda-se nos sistemas de escolhas que a língua disponibiliza — processos, participantes, circunstâncias — e demonstra como essas opções se ancoram em estruturas socioculturais que regulam a vida coletiva (Halliday; Webster, 2007).

Em contrapartida, a Gramática de Construções — especialmente em sua vertente cognitivista (Goldberg, 1995; Croft, 2001) — oferece uma lente complementar ao explicar como pares forma-sentido se organizam na cognição dos falantes, enfatizando processos de generalização e analogia (Bybee, 2010). Ao focalizar a internalização e a ativação de construções em contextos comunicativos específicos (Langacker, 2008), a GC ilumina mecanismos de armazenamento mental e padrões de uso que a GSF, por sua ênfase sociossemiótica, não explora em detalhe.

A articulação dessas perspectivas — GSF sociocultural e GC cognitiva — permite conciliar dois eixos de motivação: o social, que condiciona as escolhas linguísticas em função de práticas e necessidades coletivas, e o cognitivo, que governa a formação e a produtividade de construções no repertório mental. Propomos, assim, um modelo integrativo capaz de explicar simultaneamente (i) como as construções emergem, se consolidam e se projetam como unidades simbólicas convencionais, e (ii) como essas unidades são selecionadas dentro de sistemas funcionais para realizar significados em contextos historicamente situados. Tal sinergia, ao contemplar influências socioculturais, cognitivas e linguísticas, amplia o alcance explicativo na análise das orações relacionais e, por extensão, de fenômenos gramaticais complexos.

### **Gramática Sistêmico-Funcional: bases sociossemióticas**

Neste estudo, adotamos a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) — elaborada por Halliday (1957; 1961; 1985; 1994) e ampliada, entre outros, por Davidse (1992; 2002), Matthiessen (1991; 1995), Thompson (1996), Eggins (2001) e Halliday e Matthiessen (2004;

2014) — em razão de sua abordagem ampla e flexível, que enxerga a língua como um sistema dinâmico de escolhas semânticas articuladas a funções sociais e semióticas. Esse modelo destaca-se por sua ênfase nas metafunções da linguagem – ideacional, interpessoal e textual – permitindo uma compreensão detalhada de como a linguagem não apenas expressa a experiência, mas também estrutura as relações entre os falantes e organiza o discurso. A GSF proporciona uma análise da linguagem como prática social, na qual as escolhas linguísticas são influenciadas por fatores culturais, sociais e contextuais, indo além de uma mera descrição estrutural. Sua perspectiva funcional e socialmente orientada oferece uma ferramenta poderosa para explorar a construção de significado (*semogênese*), capturando as sutilezas da comunicação em suas múltiplas camadas. Por essas razões, articular a GSF a outras abordagens, como a Gramática de Construções, amplia o poder explicativo dos fenômenos gramaticais, permitindo abarcar a linguagem na complexidade de suas múltiplas dimensões de uso e de sentido.

Adotamos a perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) para entender as orações como unidades linguísticas que se constituem em níveis abstratos e hierárquicos da gramática, regidas pelas escolhas do falante em contextos sociais. Embora as orações possam parecer unidades representacionais simples, seu estatuto semântico é complexo, sendo constituídas por diferentes tipos de significados realizados simultaneamente pelos participantes da comunicação. A GSF identifica três tipos de significados nas orações: ideacional (representação), interpessoal (troca social) e textual (mensagem) (Halliday; Matthiessen, 2014; Thompson, 1996; Eggins, 2001). Neste artigo, focaremos no significado ideacional, especificamente aquele que emerge nas orações relacionais, construídas pelo falante para relacionar fragmentos de sua experiência, além de adicionar uma camada de complexidade semiótica ao domínio gramatical das orações. Cotejemos as seguintes orações:

(2) Após esbarrar em um homem, sem querer, *ele quebrou um copo de vidro no meu rosto*. (Fernandes, 2019)

(3) Não quero ser assimilada, palatada, *minha luta é para existir com todas as minhas identidades de gênero*, defende. (Oliveira; Jorge, 2017)

As três orações realizam significados primários da experiência. Em (2), temos uma oração material, cuja função é representar ações e acontecimentos do mundo biosocial. Nesse tipo de oração, há a tendência de que um participante oracional denominado Ator, no exemplo “um homem”, realize um investimento de energia que altere o estado de coisas no mundo por meio da afetação do participante Meta, no caso “um copo de vidro”. Trata-se de um tipo de oração em que o falante seleciona como participantes *Coisas (Things)*, que são o núcleo experiencial do grupo nominal, responsável por “ancorar” a referência que será

posteriormente especificada ou classificada pelos demais elementos do grupo (dêiticos, numerais, epítetos etc.). Tal núcleo é realizado por substantivos. Halliday e Matthiessen (2014) localizam o elemento experiencial *coisa* em um espaço léxico-gramatical definido por três vetores semânticos principais — *contabilidade* (contável x não contável), animacidade (consciente x não consciente) e grau de generalidade (particular x geral). Por conseguinte, em (2), a escolha dos participantes empacota as seguintes informações gramaticais:

Quadro 1 – Estrutura experiencial do grupo nominal

Função de transitividade	Grupo nominal	Estrutura experiencial do grupo nominal	Coisa (núcleo)	Observações
Autor	Ele	Pronome pessoal (apenas Coisa)	Ele (homem)	Pronome de papel de fala; referencialidade concreta
Meta	um copo de vidro	Dêitico = um → Coisa = copo → Qualificador = de vidro	copo	Novo referente; Qualificador especifica o material

Fonte: elaboração própria.

Em (3), temos uma oração relacional, cujas funções são qualificar, classificar e identificar não só *coisas*, mas também *atos* e *fatos*, com suas propriedades abstraídas. Nesse tipo de oração, não é representado um investimento de energia, e o fluxo temporal é estático, ou seja, o processo descrito não é projetado como algo que se desenrola, se inicia ou se conclui no eixo do tempo, mas sim como um estado já vigente. Para construir esse tipo de significado, é inerente à oração a presença de dois participantes emparelhados: Portador e Atributo, quando a oração é atributiva, ou Identificado e Identificador, quando a oração é identificativa. Na oração destacada em (3), podemos observar que o participante Identificado, “*Minha luta*”, consiste em um grupo nominal, tendo como seu núcleo experiencial uma coisa. Já o participante Identificador consiste em um sintagma preposicionado em que está encaixada outra oração, “*para existir com todas as minhas identidades de gênero*”. Esse participante tem como núcleo experiencial um fato, que funciona na oração como uma proposição nominalizada, autônoma no plano puramente semiótico, sem agente de consciência explícito, sendo um elemento experiencial que não ocorre com orações materiais.

Além de fatos e coisas, as orações relacionais podem associar como participante do processo um *ato*, tipo de elemento experiencial em que um processo é reificado como entidade, que ainda habita o domínio material, mas que é encapsulado como objeto de discurso. Essa propriedade das orações relacionais é relevante não somente porque fornece um critério analítico que possibilita distingui-las de outros tipos de oração, mas também

porque explicita uma ordem crescente de complexidade semiótica. À medida que avançamos de coisas para atos e, por fim, para fatos, cresce o grau de abstração: enquanto o ato ainda remete a um evento material reificado, o fato já se projeta como entidade puramente semiótica, “uma proposição existente por si na esfera do significado”. Essa possibilidade de alçar o participante a níveis sucessivos de abstração não existe nas cláusulas materiais, nas quais apenas coisas podem atuar; daí a maior densidade semiótica das cláusulas relacionais.

Desse modo, por meio de orações relacionais, o falante cria generalizações, classificações ou identidades de entidades que existem no domínio material da experiência e de entidades que só existem no plano semiótico. Tais cláusulas operam, portanto, como instrumentos de taxonomização e abstração: comprimem experiências múltiplas numa única configuração experiencial, atribuindo-lhes estatuto de conhecimento partilhado ou categoria socialmente ratificada. Ao articular dessa forma o material e o semiótico, a GSF revela seu potencial heurístico: mostra como a linguagem não apenas descreve o mundo, mas constrói camadas de realidade que vão do tangível ao puramente conceitual, permitindo que sociedades codifiquem e negoçiem identidades, valores e saberes ao longo do tempo.

Sobre essa base semiótica, Halliday (1985) define o sistema relacional como responsável pela construção das *figuras* – cenas representadas pela configuração de *[Processo + Participantes + Circunstâncias]* – do domínio semântico do *Ser* e do *Ter*. Conforme o linguista, as principais funções operacionalizadas por esse sistema são caracterizar (*to characterize*) e identificar (*to identify*). Halliday e Matthiessen (2014) apresentam as seguintes exemplificações para ilustrar essas duas funções semânticas:

(i) Caracterização: Um quarto de toda a população da África está na Nigéria, logo nós dizemos que um de quatro africanos é nigeriano (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 259)<sup>3</sup>.

(ii) Identificação: Os três principais grupos na nação **são** o Yorubá no sudoeste, o Ibo no sudeste, e o Hausa, finalmente, no norte (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 259)<sup>4</sup>.

Essas funções são efetivamente realizadas em orações que apresentam um processo do *Ser* ou do *Ter* que selecionam obrigatoriamente dois participantes. No caso dos exemplos acima, podemos observar que ambos apresentam como processo a forma verbal *ser*, e que esses exemplos apresentam uma configuração oracional em que o processo seleciona dois participantes, podendo ser esses participantes *indefinidos* (*nigeriano*) ou *definidos* (*o Yorubá no sudoeste, o Ibo no sudeste, e o Hausa, finalmente, no norte*).

---

<sup>3</sup> No original de Halliday e Matthiessen (2014, p. 259): “One quarter of the entire population of Africa **is** in Nigeria, so we say that every fourth African **is** a Nigerian”.

<sup>4</sup> No original de Halliday e Matthiessen (2014, p. 259): “The three major groups in the nation **are** the Yoruba in the southwest, the Ibo in the southeast, and the Hausa, finally, in the North/ ... because its final requirement **was** [[that the man [[Who aspires to be king]] would first pay all the debt [[owed by every single man and every single woman in the community ]]]]!

Interpretar a oração intensiva como elaboração oferece dois ganhos analíticos. Primeiro, realça a univocidade referencial: o segundo termo (Atributo/Identificador) não acrescenta um novo referente, mas recorta semanticamente o mesmo ente inaugurado pelo primeiro, ratificando que a oração inteira funciona como um “estado de ser” único. Segundo, vincula a intensiva a um motivo de semiose latente na gramática. Como mostram Matthiessen (1991) e Halliday (1985), a forma Símbolo + Processo + Valor das identificativas institui um *Modelo Símbolo – Valor*: o Símbolo atua como signo que, por convenção, “se lê” pelo Valor. Ao reconhecer que o processo intensivo já incorpora a relação de correspondência sínica típica da semiose, vemos que a expansão por elaboração não é apenas lógica: ela explicita, em chave gramatical, a passagem do domínio material à ordem secundária de significado – uma *metafenomenização*<sup>5</sup> que a língua pode mobilizar reiteradamente como recurso de classificação, generalização e definição. Assim, o conceito de elaboração ilumina o significado básico das analogias entre as realizações específicas das intensivas, permitindo rastrear, em cada variante, o mesmo princípio semiótico que estabelece identidades, categorias e valores no tecido discursivo.

A seguir, recorremos a alguns conceitos da Gramática de Construções — em especial *construção, esquematicidade e elos de polissemia* — para esclarecer de que modo padrões forma-significado se organizam e se relacionam na léxico-gramática. A intenção não é elaborar um quadro construcional completo, mas apenas destacar aqueles pontos que dialogam diretamente com a descrição sistêmico-funcional que será apresentada e que nos ajudarão a entender como diferentes realizações das orações intensivas se alinham a esquemas mais gerais.

### Gramática de Construções: fundamentos cognitivos

Os linguistas do campo construcionista atribuem a Lakoff (1987) e a Fillmore, Kay e O'Connor (1988) a gênese do conceito de construção na abordagem da gramática. Mas, é a Goldberg (1995, 2006) que é atribuído o movimento que consolidou o conceito de construção como um primitivo teórico para a análise linguística. Para essa perspectiva teórica, de um ponto de vista sincrônico, a língua consiste em um inventário de pareamentos forma-significado organizados em rede (Goldberg, 2006).

Situando-se no contexto da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções (GC) postula que o aprendizado das línguas naturais é construído a partir de *inputs* cujo aprendizado engloba pressões cognitivas, de processamento e pragmáticas. Entretanto, cabe destacar que a estrutura de uma língua natural é semelhante à de outros sistemas cognitivos,

---

<sup>5</sup> Empregamos o termo (Matthiessen, 1991; Halliday & Matthiessen, 2014) para nomear a metáfora ideacional que reconstrói uma figura como Fenômeno, tornando possível tomar fatos como entidades passíveis de classificação, definição ou avaliação; é essa funcionalidade que justifica sua presença na análise.

consistindo em uma *rede*. Essa metáfora ressalta que as línguas são sistemas cujos elementos constitutivos estão interligados em uma rede de nós, conectados por elos de diferentes naturezas (Langacker, 1987).

Conforme Traugott e Trousdale (2013), há diferentes modelos de gramáticas de orientação construcionista, em que pese o fato de todos eles assumirem os princípios gerais da Linguística Cognitiva. Dentre esses princípios, Goldberg (2013) destaca quatro que se encontram presentes na maioria desses modelos. Esses princípios são: i) a construção é a unidade básica da gramática, constituindo-se como um pareamento forma-significado convencionalizado; ii) a estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática; iii) a língua é uma rede de nós e elos entre os nós; e iv) as estruturas linguísticas são modeladas pelo uso.

Considerando essa pluralidade de modelos, optamos por nos concentrar na proposta de Goldberg (1995; 2006). Esse posicionamento encontra justificativa ao considerarmos que, nesses trabalhos, a autora focaliza as construções de estrutura argumental, o mesmo nível de análise em que estão situadas as orações relacionais, nosso objeto de estudo.

Goldberg (1995) define construções como *pareamentos entre forma e função convencionalizados pelo uso linguístico*. Nessa obra, a estudiosa enfatiza construções cujos padrões não são estritamente previsíveis a partir do significado de suas partes componentes. Dentre essas construções do inglês estão a *construção de movimento causado* (*caused motion construction*) e a *construção do caminho* (*way-construction*), respectivamente ilustradas por:

(4) Frank espirrou o guardanapo para fora da mesa.<sup>6</sup>

(5) Ele abriu caminho no cotovelo pela multidão.<sup>7</sup>

Goldberg (2006) amplia o alcance de sua proposta inicial com o propósito de abarcar estruturas composticionais, que “são armazenadas como construções mesmo que sejam totalmente previsíveis, desde que ocorram com frequência suficiente” (Goldberg, 2006, p. 5)<sup>8</sup>. Em Goldberg (2006), pode-se constatar a concepção de construção como esquema construcional que pode variar em grau de complexidade e tamanho. Por conseguinte, “palavras, expressões idiomáticas, padrões sintáticos preenchidos parcialmente e padrões frasais mais gerais” (Goldberg, 2006, p. 5) são considerados como construções. Uma

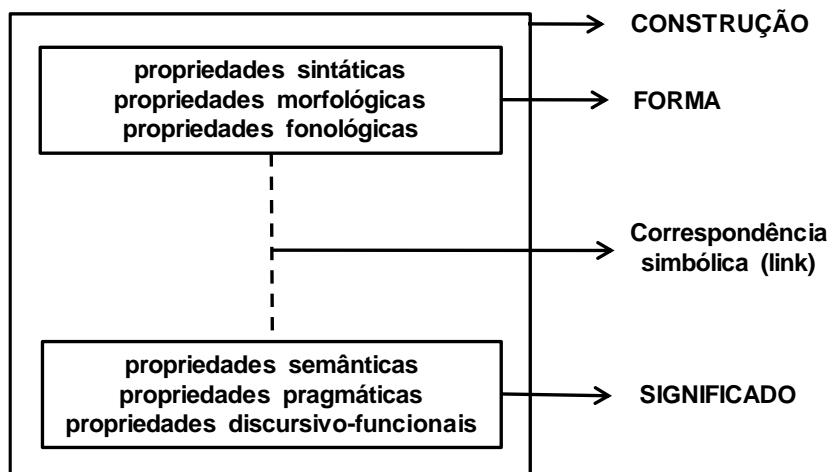
<sup>6</sup> No original: “Frank sneezed the napkin off the table” (Goldberg, 1995).

<sup>7</sup> No original: “He elbowed his way through the crowd” (Goldberg, 1995).

<sup>8</sup> No original: “are stored as constructions even if they are fully predictable, as long as they occur with sufficient Frequency”.

representação bastante difundida do tipo de relação entre o nível da forma e o da função é a apresentada em Croft (2001) e Croft e Cruse (2004):

Figura 1 – Constituência simbólica da construção



Fonte: traduzido de Croft (2001) e Croft e Cruse (2004).

O elo de correspondência simbólica conecta a dimensão da forma à dimensão da função, sendo interno a uma construção. Em outras palavras, cada elemento do nível formal se encontra unido a sua contraparte semântica, formando uma unidade simbólica.

Goldberg (2006) postula que o aprendizado de uma língua se dá em blocos (*chunks*), que variam em constituição, tamanho, forma e complexidade. Esses blocos podem apresentar diferentes configurações em uma escala que envolve padrões esquemáticos, parcialmente esquemáticos e expressões totalmente especificadas.

Assim, a linguista considera que o eixo paradigmático, em que se situam padrões e escolhas de construções, possui tanta importância quanto o eixo sintagmático, em que linearmente são arranjados seus componentes. É nesse sentido que as relações de similaridade entre as construções desempenham um papel crucial em seu modelo de gramática (Traugott; Trousdale, 2013, p. 05). Com efeito, Goldberg (1995) propõe que as construções não são elementos isolados, mas sim unidades cognitivas interconectadas que formam uma rede estrutural. Essa rede é organizada por dois tipos principais de elos: elos de herança e elos relacionais.

Elos de herança representam relações hierárquicas entre construções mais gerais (abstratas) e mais específicas. Nesse sentido, uma construção mais específica herda propriedades estruturais e semânticas de uma construção mais geral. Esse tipo de elo evita a redundância: não é necessário repetir em cada subconstrução aquilo que já está especificado na construção superordenada.

Elos relacionais capturam ligações laterais, baseadas em semelhanças de forma ou significado entre construções que não estão em relação de herança direta. Incluem os elos de polissemia: uma construção pode dar origem a variações semânticas (sentidos derivados), mantendo a forma estrutural. Goldberg (1995) apresenta uma família de sentidos polissêmicos para a *construção ditransitiva* (X V Y Z), todos compartilhando a mesma forma sintática, mas variando semanticamente, como exposto no quadro a seguir:

Quadro 2 – Família de sentidos polissêmicos da *construção ditransitiva*

<b>Sentido da construção</b>	<b>Exemplo</b>
Prototípico (causar recepção)	Joe deu a Mary um suéter com um buraco (p. 143) <sup>9</sup>
Promessa (intenção de dar)	Mary prometeu a Steve um beijo (p. 231) <sup>10</sup>
Permissão (autorizar a recepção)	Joe permitiu que Billy comesse um picolé. (p. 32) <sup>11</sup>
Negação de recepção	Bill negou a Joe um aumento de salário (p. 128) <sup>12</sup>
Intenção de causar recepção	Joe pintou um quadro para a Sally (p. 143) <sup>13</sup>
Futuro (legado/testamento)	Chris deixou/legou-lhe os ingressos. (p. 129) <sup>14</sup>

Fonte: elaboração própria.

Ao conectar o sentido central de uma construção às suas extensões semânticas, os elos de polissemia preservam a mesma configuração sintática. No caso da construção ditransitiva, sentidos como *dar*, *prometer*, *negar*, *permitir*, *legar* e *oferecer* são relacionados por esse tipo de elo, formando uma família de sentidos com base no sentido prototípico de “causar que alguém receba algo”.

A presença desses elos permite que o sistema linguístico seja economicamente organizado e, ao mesmo tempo, flexível e sensível à variação contextual. A forma sintática pode ser mantida estável mesmo quando o significado da construção é adaptado para novos contextos discursivos, desde que respeitada a compatibilidade semântica com o protótipo.

Assim, o modelo de Goldberg (1995, 2006) permite compreender a gramática como um sistema emergente e adaptativo, cuja organização decorre da experiência linguística e do reconhecimento de padrões significativos. A linguagem é vista como um repertório de formas-construções interligadas, constituindo uma rede em que o sentido de cada unidade é motivado tanto por suas propriedades internas quanto por sua posição na malha relacional mais ampla (Goldberg, 1995).

<sup>9</sup> No original: “Joe gave Mary a sweater with a hole in it”.

<sup>10</sup> No original: “Mary promised Steve a kiss”.

<sup>11</sup> No original: “Joe allowed Billy a popsicle”.

<sup>12</sup> No original: “Bill refused Joe a raise”.

<sup>13</sup> No original: “Joe painted Sally a picture”.

<sup>14</sup> No original: “Chris assigned/allotted/guaranteed/bequeathed him the tickets”.

Em conclusão, a Gramática de Construções reforça a ideia de que a gramática de uma língua é um inventário em rede de pareamentos forma-função, em que construções variam em esquematicidade, especializam-se por herança vertical e expandem-se por elos de polissemia horizontais (Goldberg, 1995, 2006; Traugott; Trousdale, 2013). Esse enquadramento é particularmente útil para o estudo das orações relacionais: ao tratá-las como construções argumentais dotadas de núcleos simbólicos (Símbolo–Valor) e de extensões semânticas motivadas pelo uso, podemos explicar tanto a sua regularidade estrutural quanto a flexibilidade que lhes permite acomodar coisas, atos e fatos. Assim, a rede construcional fornece um mapa de como diferentes realizações intensivas herdam um esquema comum e de como sentidos derivados emergem do uso. Este panorama teórico prepara o terreno para a seção de análise e discussão dos dados, na qual aplicaremos esses princípios ao domínio das orações relacionais intensivas, mostrando como seus padrões forma-significado se alinham ao modelo de sistema das orações relacionais fundamentado na Gramática Sistêmico-Funcional e revelando, em detalhes, a dinâmica construcional que sustenta as operações de atribuição e identificação.

### **Percorso metodológico**

Este estudo qualitativo segue um percurso indutivo fundamentado na Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014) e enriquecido pelos princípios da Gramática de Construções, com o objetivo de revelar como as orações relacionais articulam papéis semânticos e configurações morfossintáticas em contextos de narrativa de violência homofóbica. O *corpus* constitui-se de 124 orações selecionadas de 48 depoimentos extraídos de seis reportagens *online* publicadas entre 2014 e 2019 (Giusti, 2014; Miranda, 2016; Perobelli, 2016; Oliveira; Jorge, 2017; Querino, 2018; Fernandes, 2019), seguindo protocolo padronizado de busca por verbos relacionais e anotação manual que assegura consistência na amostragem. A abordagem epistemológica adota os cinco critérios da pesquisa qualitativa propostos por Yin (2016) — estudo em contexto real, perspectiva dos atores, condições contextuais, múltiplas fontes de evidência e reflexividade analítica — garantindo rigor e transparência na coleta e interpretação dos dados.

Para operacionalizar a análise, definiram-se seis parâmetros de codificação: Papéis Temáticos das Estruturas Emparelhadas (Portador, Atributo, Identificador, Identificado, Possuidor, Coisa Possuída), Propriedades da agnação (tipo de cláusula e reversibilidade), Configuração Morfossintática (categorias lexicais e estrutura interna), Especificidades Semânticas (intensidade, generalização), Relações Semânticas entre participantes (localização, classificação, caracterização, posse, identificação) e Natureza do Atributo (concreto vs. abstrato), todos ancorados em marcos conceituais fundamentais, apresentados

em Halliday e Matthiessen (2014), Matthiessen (1995) e Davidse (1999)<sup>15</sup>. Cada oração foi codificada manualmente em planilha estruturada.

Quadro 3 – Etapas no percurso metodológico realizado

Etapa	Descrição	Referências
Seleção e caracterização	Extração de 124 orações relacionais de 48 depoimentos em seis reportagens <i>online</i> (2014–2019); busca por verbos relacionais e anotação manual.	Giusti (2014); Miranda (2016); Perobelli (2016); Oliveira e Jorge (2017); Querino (2018); Fernandes (2019)
Fundamentação epistemológica	Adoção do funcionalismo sistêmico-funcional e da Gramática de Construções; aplicação dos cinco critérios de Yin (2016).	Halliday e Matthiessen (2014); Yin (2016)
Definição de parâmetros	Desenvolvimento de seis parâmetros de codificação semânticos e morfossintáticos, alinhados à teoria sistêmico-funcional e construcional.	Halliday e Matthiessen (2014)
Codificação manual	Registro manual das cláusulas em planilha estruturada, garantindo fidelidade e confiabilidade na anotação.	Metodologia interna

Fonte: elaboração própria.

Com esse arcabouço metodológico delineado — que integra a seleção criteriosa do *corpus*, a fundamentação sistêmico-funcional e construcional e a operacionalização de parâmetros semântico-morfossintáticos — estamos agora aptos a avançar para a análise empírica. Na seção “Entre esquemas e sistemas: análise das orações relacionais na articulação entre GSF e GC”, confrontaremos diretamente esses parâmetros com os dados coletados, revelando de que maneira escolhas de forma e significado se combinam para estruturar significado e função discursiva nas narrativas de violência homofóbica.

### **Entre esquemas e sistemas: análise das orações relacionais na articulação entre GSF e GC**

Esta seção apresenta os resultados da análise das construções relacionais realizadas com o verbo *ser* a partir de uma abordagem quali-quantitativa orientada por *corpus* que articula a GSF e a GC. Assumimos que cada oração relacional é um subesquema construcional — um pareamento forma-significado — que instancia opções sistêmicas próprias da metafunção ideacional.

<sup>15</sup> Na presente análise, ganha relevância o parâmetro Papéis Temáticos das Estruturas Emparelhadas (PTEE), sendo o ponto de partida da discussão realizada na próxima seção.

Os subesquemas colhidos no *corpus* herdam a macroconstrução [SN + Vcop + X]. Diferenciam-se, entretanto, (i) pela natureza morfossintática do terceiro slot – SAdj ou SN – e (ii) pelos papéis ideacionais que projetam. Em termos construcionais, falamos numa hierarquia construção superordenada-subconstrução; em termos sistêmicos, numa cadeia sistema-opção-realização.

Nas sequências que integram o *corpus*, o sentido das orações relacionais nasce, antes de tudo, da escolha do modo — atributivo ou identificativo. Ancorados nesse binômio, mapeamos a distribuição das ocorrências para explicitar a frequência relativa de cada configuração; a síntese segue na tabela a seguir.

Tabela 1 – Frequência de ocorrência dos modos nas cláusulas relacionais intensivas

Modo da Cláusula Relacional	Número de Ocorrências	Percentual de Ocorrências
Atributivo	98	79,04%
Identificativo	26	20,96%
Total	124	100%

Fonte: elaboração própria.

Os exemplos a seguir apresentam, respectivamente, uma cláusula atributiva e uma cláusula identificativa:

(6) *O peso das palavras que utilizam é assustador. E elas pesam.* (Fernandes, 2019)

(7) *Valério, o nome de batismo, se descobriu-se homossexual aos 10 anos, mas só teve coragem de assumir-se travesti aos 15. Hoje é Valéria.* (Oliveira; Jorge, 2017)

Essa constatação corrobora Halliday e Matthiessen (2014), para quem as orações relacionais intensivas atributivas são as mais recorrentes nos eventos comunicativos. Sua predominância decorre da centralidade, na vida social, das funções de classificação e qualificação: a maior parte das interações exige dos falantes juízos de valor e categorizações. A função identificativa, por sua vez, é mais circunscrita e só se ativa quando se requer maior precisão na especificação de um referente.

O sentido da construção relacional “emerge” primeiramente da escolha entre os modos atributivo e identificativo. Essa bifurcação na rede sistêmica funciona, no léxico-gramatical, como um nó de comutação que encaminha o instanciamento para um de dois subesquemas:

- [SN + Vcop + SAdj]: leitura atributivo-qualificativa

- *[SN + Vcop + SN]*: leitura atributivo-classificativa ou identificativa

Nesse sentido, a análise revelou que as categorias de participante das orações relacionais intensivas operam como macrofunções organizadas em distintos arranjos semânticos. Para descrevê-los, definimos quatro parâmetros: Papel Semântico do Portador (PSP), do Atributo (PSA), do Identificado (PSI) e do Identificador (PSIR). Chamamos “arranjo” à hipótese de que essas orações tendem a apresentar papéis temáticos emparelhados: a escolha do papel Classe traz consigo Coisa classificada; a de Aref<sup>16</sup> convoca Aref; e assim por diante. Nos dados a seguir, são exemplificados os tipos de pares temáticos observados.

(8) Uma vez uma menininha ficou falando para mãe que eu e meu namorado [COISA QUALIFICADA] **éramos** estranhos [QUALIDADE], fazendo cara feia. (Giusti, 2014)

(9) o futebol [COISA CLASSIFICADA] ainda hoje é um lugar repelente [CLASSE] para as pessoas diferentes (Oliveira; Jorge, 2017) – oração relacional intensiva atributiva.

(10) Entreguei meu documento com o nome masculino na imobiliária e pedi que me chamassem de Viviany porque [AREF] **sou** travesti [AREF] (Giusti, 2014) – oração relacional intensiva identificativa.

Passemos à distribuição dos pares temáticos por modo oracional. Entre as cláusulas relacionais intensivas atributivas, o binômio Coisa qualificada – Qualidade domina o quadro, concentrando 64,29 % das ocorrências; em seguida surge Coisa classificada – Classe, com 32,65 %. A tabela abaixo resume esses resultados.

Tabela 2 – Distribuição dos pares temáticos realizados pelos participantes oracionais no modo atributivo

Pares de Papéis Temáticos	Número de Ocorrências	Percentual de Ocorrências
Coisa qualificada – Qualidade	65	66,33%
Coisa classificada – Classe	33	33,67%
Total	98	100%

Fonte: elaboração própria.

Nas orações relacionais intensivas identificativas, surge apenas um par temático: aRef – aRef. Essa unicidade decorre da simetria referencial que define o modo oracional

---

<sup>16</sup> A abreviação se refere ao papel temático *Alfa Referencial*.

identificativo: semanticamente, a relação equivale a  $X = A$ , onde  $A$  é um traço mais específico — ou exclusivo — do próprio  $X$ .

Quanto aos tipos de estrutura morfossintática realizadoras desses três significados, verificamos dois arranjos morfossintáticos que instanciam a construção relacional, como demonstrado na Tabela.

Tabela 3 – Tipos de estruturas morfossintáticas realizadoras dos três tipos de significado relacional nas orações intensivas

Combinatórias Sintagmáticas	Número de Ocorrências	Percentual de Ocorrências
SN + V + SAdj	65	52,42%
SN + V + SN	59	47,58%
Total	124	100%

Fonte: elaboração própria.

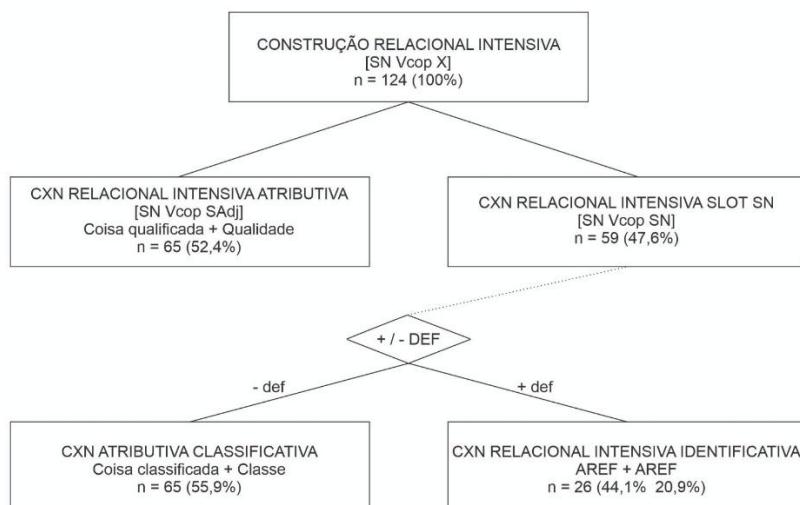
A subconstrução [SN + VcOP + SAdj] realiza, na rede sistêmica da transitividade, a opção de submodo atributivo-qualificativo: associa o Portador a um Atributo que codifica Qualidade, perfazendo um pareamento forma-significado mais específico dentro do macroesquema construcional [SN + VcOP + X]. Já a subconstrução [SN + VcOP + SN], de maior esquematicidade, oferece dois caminhos na malha de escolhas: (i) a leitura atributivo-classificativa, em que o segundo slot assume o papel Classe; e (ii) a leitura identificativa, em que os participantes Identificado e Identificador se correlacionam numa relação de equivalência.

O *comutador sistêmico-construcional*<sup>17</sup> que define qual dessas leituras será ativada é o traço de (in)definição do segundo participante: a presença de um determinante definido ancora o significado identificativo, enquanto sua ausência projeta a interpretação classificativa. Assim, a (in)definição morfossintática-semântica do participante Atributo opera, simultaneamente, como realização léxico-gramatical de uma opção sistêmica e como ponto de bifurcação na rede de subesquemas construcionais. Em termos da GSF, trata-se de um traço léxico-gramatical que realiza uma opção do sistema; em termos da GC, o mesmo traço dispara o instanciamento de um dos dois micro-esquemas internos.

<sup>17</sup> Empregamos esse termo apenas como metáfora heurística: trata-se do traço léxico-gramatical que, ao materializar-se na superfície (p.ex., a presença ou ausência de determinante definido), “comuta” o percurso de instanciamento dentro da rede sistêmica (Halliday; Matthiessen, 2014), direcionando a oração para a opção atributiva-classificativa ou identificativa. Nesse gesto, o mesmo traço também seleciona o sub-esquema construcional correspondente na Gramática de Construções, articulando, portanto, escolha sistêmico-funcional e pareamento forma-significado num único ponto de ativação.

Para tornar visível a arquitetura de escolhas que emergiu das frequências e da análise quali-quantitativa, sintetizamos os resultados numa rede de herança construcional (Croft, 2001; Goldberg, 1995), aliada à lógica de sistema-opção-realização da GSF. O diagrama coloca, num mesmo plano, (i) a macroconstrução relacional que todas as orações instanciam, (ii) os subesquemas morfossintáticos que lhe herdam a forma básica e (iii) o ponto de comutação léxico-gramatical – a (in)definição do segundo núcleo – que faz a oração deslizar do domínio atributivo para o identificativo. Essa visualização condensada serve de ponte entre a estatística descritiva apresentada e a explicação funcional-construcional que ora se segue.

Diagrama 1 – Rede de herança construcional das orações relacionais



Fonte: elaboração própria

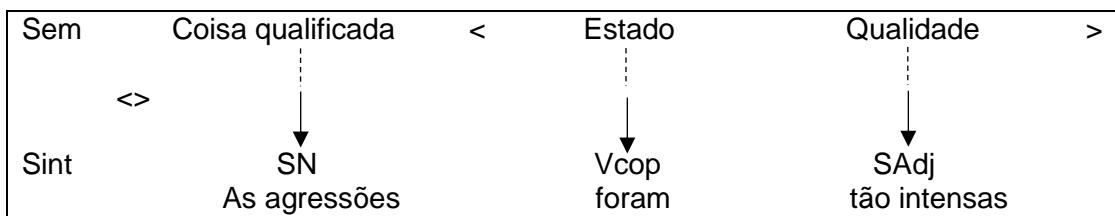
O diagrama parte de um nó-raiz que simboliza a Construção Superordenada Relacional ([SN Vcop X]), instanciada pelas 124 orações do *corpus*, e ramifica-se em dois subesquemas: a Subconstrução Relacional Atributiva Qualificativa ([SN Vcop SAdj]), com 65 ocorrências (52,42%), que perfila a relação Portador ↔ Qualidade, e a Subconstrução Relacional Slot-SN ([SN Vcop SN]), com 59 ocorrências (47,58%), que permanece esquemática até ser comutada por um traço de (in)definição do segundo núcleo. Esse traço sistêmico-funcional direciona a construção para duas leituras: se o sintagma é indefinido (-def), projeta-se a Subconstrução Relacional Atributiva Classificativa (33 ocorrências, 55,9% do ramo; 26,6% do total); se definido (+def), aciona-se a Subconstrução Relacional Identificativa (26 ocorrências, 44,1% do ramo; 20,9% do total). Desse modo, o diagrama reúne, em uma mesma visualização, a hierarquia de herança construcional (GC), o conjunto de escolhas ideacionais (GSF) e o perfil estatístico do *corpus*, evidenciando que a rota prototípica dos falantes parte do nó-raiz e converge diretamente para a Subconstrução Relacional Atributiva qualificativa.

A seguir, a análise se aprofunda em três subseções que correspondem aos ramos terminais da rede: primeiro, aborda-se a construção copular atributiva qualitativa, delineando seu formato morfossintático e seus papéis ideacionais; em seguida, examina-se a construção copular atributiva classificativa, destacando como a ausência de determinante definido desloca o sentido para a categorização de entidades; por fim, focaliza-se a construção copular identificativa, na qual a presença do determinante definido instaura uma relação de equivalência referencial. Em cada subseção, discutem-se o pareamento forma-significado e os traços léxico-gramaticais decisivos para a configuração de cada padrão.

### A Construção Relacional Atributiva Qualificativa (CR-Atributiva-Qualificativa)

A CR-Atributiva-Qualificativa é instanciada pelo subesquema construcional [SN + Vcop + SAdj], que seleciona os papéis temáticos de QUALIDADE (Atributo) e COISA QUALIFICADA (Coisa Qualificada), como representado a seguir:

Figura 2 – Subesquema da Construção Relacional Atributiva Qualificativa.



Fonte: elaboração própria.

Nessa subconstrução, ao atribuir uma qualidade (SAdj) a uma entidade (SN), o falante ativa um processo de focalização de traços salientes já descrito por Langacker (2008) como perfilamento (*profiling*): seleciona-se um participante focal (o SN) e lhe encaixa um ponto de referência adjetival que realça uma dimensão única do conceito. Essa operação é cognitivamente econômica por três razões: (i) Atualização rápida do modelo mental; (ii) *Gestalt* figura-fundo; e (iii) Mecanismos de prototipagem contínua.

Quanto a (i), a oração atributiva qualificativa “*As agressões foram tão intensas que fizeram o rapaz ficar desacordado*” funciona como um ajuste escalar sobre uma representação que já está ativa no espaço discursivo. O sintagma nominal “as agressões” represesta um evento fisicamente violento que o leitor já mantém em foco; o Atributo “tão intensas” opera como marcador de magnitude em uma escala de energia e impacto. Em vez de convocar um novo esquema categorial ou estabelecer uma correspondência de identidade, a oração apenas desloca o ponteiro da escala de intensidade para um ponto alto, ampliando a vividez emocional do evento. Esse deslocamento é resultado de um perfilamento de atributo: o participante “as agressões” permanece pano de fundo estável, enquanto o adjetivo destaca

uma dimensão métrica (força) que o ouvinte precisa integrar ao modelo mental corrente. Na Gramática de Construções, isso se materializa na CRA-Qualificativa, cujo subesquema [SN Vcop SAdj] pareia COISA QUALIFICADA (Portador) a QUALIDADE (Atributo). Assim, a construção realiza a operação cognitiva mínima – refinar e graduar uma entidade já conhecida – reforçando o efeito discursivo de gravidade sem alterar nem seu estatuto categorial nem sua identidade referencial.

No que diz respeito a (ii), a qualidade funciona como figura dinâmica, enquanto o Portador permanece fundo estável. Essa assimetria favorece o processamento incremental: primeiro reconheço a entidade, depois avalio seu estado. Tal sequência resulta na escolha adjetival do Atributo como arranjo mais natural para expressar avaliações. Já a terceira razão concerne ao fato de que a oração atributiva qualificativa serve como “pincel fino”, pois permite retocar o retrato mental sem deslocar o referente para outra categoria nem criar uma identidade nova.

No plano experiencial da Gramática Sistêmico-Funcional, a oração relacional intensiva atributiva qualificativa realiza a cadeia de escolhas PROCESSO: Relacional → Atributiva → Qualificativa. Esse caminho seleciona dois participantes: o Portador, que ancora a oração a uma entidade já acessível no discurso, e o Atributo, que acrescenta um valor graduável numa escala de propriedades (força, cor, temperatura etc.). O processo é “intensivo” porque exprime uma atribuição interna de estado; e é “qualificativo” porque o Atributo selecionado situa o Portador em um contínuo semântico, permitindo ao falante ajustar finamente a representação da experiência.

No plano do significado social, essas orações funcionam como instrumento de avaliação graduativa. Ao introduzir um Atributo Qualificativo graduável, o enunciador ativa convenções culturais que atribuem peso axiológico à entidade descrita. Assim, a construção não só completa a representação ideacional como também posiciona o falante em relação ao conteúdo: a gradação do Atributo participa da construção de alinhamentos, indexa julgamentos compartilhados e sinaliza expectativas de conduta diante do fenômeno em foco.

Além de desempenharem a função de caracterizar gradualmente as violências sofridas, as sequências do *corpus* registram recorrências da CR-Atributiva qualitativa. Nessas ocorrências, a construção veicula juízos homofóbicos sobre a identidade de gênero ou orientação sexual das vítimas, sobre as posturas que elas adotam frente às agressões e ainda sobre a caracterização de seus familiares. Os dados a seguir são, respectivamente, exemplos desses usos.

(11) Uma vez uma menininha ficou falando para mãe que *eu e meu namorado éramos estranhos*, fazendo cara feia. (Giusti, 2014)

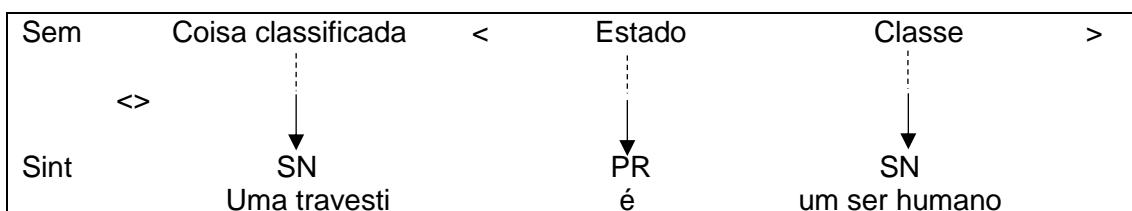
(12) *Acabo sendo ultra discreta para não ser agredida verbal ou fisicamente.* (Giusti, 2014)

(13) *Com 16 anos meus pais me deixaram em um sítio por um ano onde fiquei sem estudar, ver amigos. Eles são muito religiosos. A relação só melhorou quando mudei de estado.* (Giusti, 2014)

### A Construção Relacional Atributiva Classificativa (CR-Atributiva-Classificativa)

A *CR-Atributiva-Classificativa* é instanciada pelo subesquema construcional [SN + Vcop + SN], que seleciona os papéis temáticos de Classe (Atributo) e Coisa Classificada, como representado a seguir:

Figura 3 – Subesquema da Construção Relacional Atributiva Classificativa



Fonte: elaboração própria.

Dois mecanismos cognitivos distintos sustentam as escolhas no segundo *slot* da *CR-Intensiva* — e ambos podem ser formalizados, construcionalmente, no diagrama em que o losango “+/-def” atua como comutador. No caso da *CR-Atributiva-Classificativa*, ao selecionar o traço -def no dêitico do grupo nominal que realiza o Atributo, “um ser humano”, a rede de determinação indica que o Portador, “uma travesti” ainda não dispõe de ancoragem discursiva; essa escolha ativa, no interlocutor, o sistema de tipicidade, levando-o a recuperar o protótipo de classe adequado. A operação cognitiva consiste em mapear X como instância de Y. Esse detalhe desencadeia um percurso cognitivo específico, alicerçado em três operações interligadas. São elas:

(i) a ausência de determinante marca o Atributo como rótulo genérico, não ligado a um exemplar conhecido. O sistema conceptual busca então, na rede taxonômica, o protótipo de classe mais acessível para acomodar o Portador. Trata-se do mesmo mecanismo que agiliza o reconhecimento de “pássaro” antes de “animal” ou “andorinha”: o falante oferece ao ouvinte um ponto de entrada que maximiza economia cognitiva e informatividade.

(ii) O referente novo é absorvido por um molde preexistente, exigindo o mínimo de remodelação da memória. Em vez de acrescentar atributos graduáveis (típicos da leitura qualificativa) ou alinhar dois índices já dados (próprios da identificativa), o falante estabelece

a relação *instância* → *tipo* (*Coisa classificada* → *Classe*), reduzindo incerteza com um único movimento categorial.

(iii) Ao fornecer um rótulo de classe, o falante transfere ao interlocutor um pacote denso de conhecimento enciclopédico (scripts, expectativas, juízos). Assim, dizer que o “*futebol é um lugar repelente*”, oração apresenta a seguir, não descreve todos os episódios de exclusão, mas ativa o modelo social de “ambiente hostil” já cristalizado na memória coletiva. A classificação funciona, portanto, como atalho inferencial que poupa detalhamento e, ao mesmo tempo, veicula atitude avaliativa – geralmente negativa, como mostram os dados.

Em síntese, a motivação cognitiva da *CR-Atributiva-Classificativa* reside na economia de processamento: o indefinido sinaliza “classe a ser escolhida”, o cérebro localiza o protótipo pertinente, e a oração sela o mapeamento instância-tipo, permitindo que o discurso avance sobre bases semânticas compartilhadas.

No *corpus*, a *CR-Atributiva-Classificativa* recorre sistematicamente a Atributos realizados por SN para rotular o Portador e situá-lo em uma categoria socialmente reconhecível. O SN que ocupa a terceira posição é de natureza genérica (indefinida) – propriedade que distingue esse subesquema daquele em que o SN é definido (a ser apresentado na próxima subseção). Representações da violência foram codificadas no Portador e classificadas pelos Atributos, que tipificam o ato sofrido:

(14) Uma vez eu estava com uma menina também lésbica em uma festa, e dois caras empurraram nós para dentro do banheiro e um deles abriu a calça. *Foi uma situação de ameaça de estupro que a gente felizmente conseguiu se desvencilhar.* (Perobelli, 2016)

Rotinas — esportivas, de lazer, profissionais ou terapêuticas — igualmente aparecem como Portadores, recebendo Atributos nominais que as enquadram em classes negativas:

(15) *O futebol ainda hoje é um lugar repelente para as pessoas diferentes*, não é diverso. (Oliveira; Jorge, 2017)

No que concerne à identidade de gênero, os exemplos assumem viés reflexivo: o Portador referencia a própria condição e o Atributo nominal delimita sua posição dentro do espectro LGBT:

(16) Passou a usar peças de roupa de mulher, deixou o cabelo crescer. Entrou no curso de Agropecuária. “*Foi onde pude entender o que seria o transexualismo*, a minha diferença para a mulher travesti.” (Oliveira; Jorge, 2017)

Quanto aos lugares de convivência, o Portador nomeia o espaço social e o Atributo em SN confere uma classificação negativa, vinculando-o à experiência violenta:

(17) *A escola foi um momento muito difícil, até os 15 anos me chamavam sempre de “viado”, “bicha”... (Giusti, 2014)*

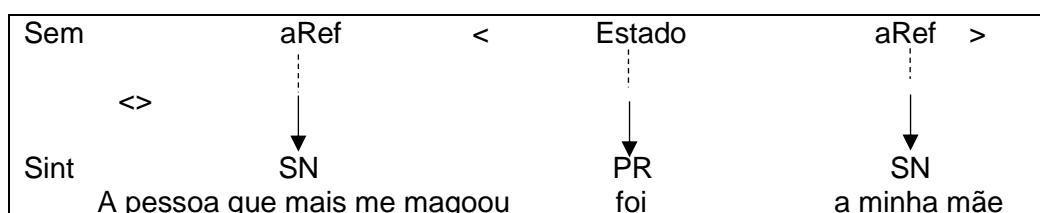
Por fim, Portadores que designam familiares ou amigos também recebem Atributos classificadores, apontando a característica que motiva a rejeição sofrida pela vítima. Assim, em todos esses domínios temáticos, a CR-Atributiva Classificativa cumpre o papel de mapear a experiência por meio de rótulos sociais, garantindo coesão à tessitura narrativa e expondo a lógica de estigmatização presente nos relatos.

Ao contemplarmos em conjunto as representações analisadas nesta e na subseção precedente, observa-se que, nas orações relacionais intensivas atributivas, as vítimas recorrem sobretudo a autorreferências: projetam a própria identidade, seus sentimentos diante das agressões e o estado que delas resulta, mantendo-se no centro da cena experencial — ainda que, por vezes, façam eco a qualificações vindas do agressor. Na subseção seguinte, dedicada às orações intensivas identificativas, veremos que esse foco sobre a vítima permanece predominante, mas também que há orações em que o agressor passa a ocupar o núcleo da representação.

## Construção Relacional Identificativa (CR-Identificativa)

A *CR-Identificativa* é instanciada pelo subesquema construcional [SN + Vcop + SN], que seleciona os papéis temáticos de aRef (Identificado) e aRef (Identificador), como representado a seguir:

Figura 4 – Subesquema da Construção Relacional Identificativa



Fonte: elaboração própria.

Na *CR-Identificativa*, o determinante definido que encabeça o Identificador, “a minha mãe” aciona o pressuposto “ente conhecido”. A tarefa mental deixa de ser classificar e passa a alinhar dois apontadores (Símbolo = Valor) já representados na memória de trabalho, fundindo-lhes a identidade. Em contraste, o artigo indefinido ou sua ausência projeta o

Portador, na CR-Atributiva-Classificativa, para fora do universo compartilhado, exigindo construção de categoria; já na CR-Intensiva, o artigo definido que encabeça o Identificador reinscreve-o dentro do universo comum, permitindo reconhecimento identitário.

O esquema opera uma ancoragem referencial que garante que ambos os rótulos apontem para o mesmo objeto de discurso. Por isso, a CR-Intensiva Identificativa torna-se recurso preferencial quando o falante quer selar a identidade de um evento ou agente já salientado, estabilizando o quadro experiencial e deixando claras as correspondências que importam para o entendimento do relato.

Por ancorar um referente já conhecido e declarar sua identidade de forma inequívoca, a *CR-Identificativa* opera como ponto de ancoragem narrativa: fecha cadeias referenciais abertas, legitima denominações socialmente partilhadas e prepara o terreno para avaliações posteriores. Em relatos de violência, por exemplo, ela legitima a voz da vítima ao definir agressor, evento ou consequência como elementos que não admitem contestação, solidificando a interpretação do leitor. A tabela abaixo apresenta os tipos de representações verificadas no conjunto das orações intensivas identificativas:

Tabela 4 – Representações do Identificador e sua frequência de ocorrências

Representações codificadas pelo Identificador	Número de ocorrências	Percentual de ocorrências
A vítima identifica sua reação frente a violência	14	53,85%
O repórter identifica a vítima	4	15,38%
A vítima identifica o agressor	2	7,69%
O agressor identifica a vítima por meio de violência verbal	2	7,69%
A vítima define a violência	2	7,69%
A vítima define sua identidade de gênero	1	3,85%
A vítima identifica um evento de violência	1	3,85%
Total	26	100%

Fonte: elaboração própria.

Essa alteração de foco referencial observada nas cláusulas intensivas identificativas manifesta-se em três grupos de representações cujo referente não é a vítima. São eles:

a) A vítima identifica o agressor:

(18) Na época que eu me assumi, eu tinha uma melhor amiga. *Era a pessoa que eu mais valorizava depois da minha família.* (Perobelli, 2016)

b) A vítima define a violência:

(19) Ela disse para mim: “eu acho muito legal você ser gay, mas não faz nada na minha frente porque eu vou ter nojo de ver dois homens se beijando”. Acho que até hoje, mesmo depois de tanto tempo, ainda *foi o que mais me marcou porque era uma pessoa que eu tinha muito carinho*. (Perobelli, 2016)

c) A vítima identifica um evento violento:

(20) Após esbarrar em homem, sem querer, ele quebrou um copo de vidro no meu rosto. Fraturei o nariz e levei três pontos. Nunca vi tanto sangue na minha vida. O estado de choque é tão grande que às vezes só entra em desespero. *Foi o que aconteceu comigo*. Pensei que fosse meu fim. Meu agressor quase me deixou cego. (Fernandes, 2019)

Nas três orações identificativas, a narradora aciona a simetria Símbolo–Valor como estratégia de ancoragem referencial: converte agressor, ato violento e episódio traumático em valores-chave que estabilizam os referentes e impõem uma leitura categorial ao restante do relato, legitimando sua experiência como eixo interpretativo da sequência narrativa:

Quadro 4 – Simetria Símbolo–Valor como estratégia de ancoragem referencial em relatos de violência homofóbica

Oração	Símbolo (anafórico)	Valor (oração ou SN)	Função experiencial	Projeção social
(18)	essa amiga	a pessoa que eu mais valorizava depois da minha família	Identifica o agressor a partir de um laço afetivo pretérito, convertendo o vínculo em critério de reconhecimento.	Reintroduz a ideia de “traição”, dramatizando o abalo no círculo de confiança.
(19)	esse episódio	o que mais me marcou	Condensa a violência verbal em um fato nominalizado (metafenômeno).	Hierarquiza a dor sofrida e chama o leitor a compartilhar o impacto avaliativo.
(20)	aquilo tudo	o que aconteceu comigo	Embala o conjunto das agressões como Valor definidor, selando o relato.	Reivindica autoridade testemunhal: só quem viveu pode dizer “foi isto”.

Fonte: elaboração própria.

Nos três casos, o Identificador exprime uma definição construída pela própria vítima: no exemplo (18) sublinha-se a ligação afetiva com o agressor por meio da oração restritiva que modifica o núcleo nominal; nos exemplos (19) e (20) evidencia-se o impacto que a violência exerceu sobre a trajetória da narradora. Não se trata, portanto, de definições neutras, mas de enquadramentos que explicitam o vínculo dessas entidades e acontecimentos com a experiência subjetiva da vítima.

Tal necessidade decorre do próprio contexto de cultura: narrar vivências pessoais pressupõe, em nossa sociedade, que os fatos sejam apresentados sob prisma igualmente pessoal, condição indispensável para atingir os propósitos comunicativos desse gênero discursivo.

Em termos teóricos, a definição é o traço semântico distintivo das construções identificativas, presente em todas as suas realizações. Nas intensivas identificativas, ela incide sobre um único referente, codificado simetricamente pelos participantes Identificado e Identificador — razão pela qual se afirma que a relação instaurada por essas cláusulas repousa sobre uma estrita simetria referencial.

Os resultados mostram que as construções relacionais intensivas com ser distribuem-se em três subconstruções — CR-Atributiva-Qualificativa, CR-Atributiva-Classificativa e CR-Identificativa — cujos perfis morfossintáticos, rotas sistêmicas e motivações cognitivas convergem para um mesmo eixo explicativo: narrar a violência homofóbica articulando avaliação, categorização e definição. A seguir, discutimos cada uma das questões de pesquisa à luz dos achados.

Quanto à questão (1) *de que modo as orações relacionais intensivas contribuem para construir significados sobre a violência homofóbica nas narrativas das vítimas?*, verificamos que elas operam em três subconstruções que, juntas, formam um gradiente semântico: a CRA-Qualificativa acrescenta atributos escalares que intensificam o impacto emocional dos episódios de violência homofóbica; a CRA-Classificativa insere rótulos taxonômicos que situam pessoas, práticas e espaços em categorias socialmente negativas; e a CR-Identificativa salsa os relatos ao fundir Símbolo e Valor, fixando agressor, ato ou consequência como entidades inequívocas. Desse encadeamento nasce uma representação multifacetada da violência homofóbica, que vai do realce afetivo à tipificação social e culmina na definição categórica dos eventos.

No que concerne à questão (2) *como os participantes e processos dessas orações espelham dinâmicas de atribuição e identificação no âmbito das identidades de gênero e orientação sexual?* — no modo atributivo, o par Portador–Atributo projeta, majoritariamente, a própria vítima ou elementos que a cercam, atribuindo-lhes qualidades (intensidade, dor) ou classes (lugar hostil, rotina ameaçadora) que reiteram a estigmatização de identidades LGBT. No modo identificativo, o par Identificado–Identificador desloca o foco para agressor, evento ou reação da vítima, estabelecendo equivalências que consolidam responsabilidades e reforçam a centralidade da vivência LGBT no enredo. Assim, os processos relacionais refletem a dialética entre caracterizar (atribuir) e definir (identificar) identidades e papéis numa situação de violência.

Por último, no que se refere à questão (3) *de que forma a articulação entre construção, elos de polissemia e esquematicidade pode potencializar a análise semântica e sintática das*

*orações relacionais, particularmente no contexto da representação linguística da violência homofóbica?* — A integração GC + GSF demonstra que o verbo *ser* percorre elos de polissemia que ligam avaliação, classificação e identidade, enquanto a esquematicidade dos subesquemas [SN Vcop SAdj] e [SN Vcop SN] explicita, em nível formal, o ponto em que um traço léxico-gramatical (+/-def) comuta o valor semântico. Essa articulação revela como a frequência prototípica das construções atribui peso probabilístico a percursos na rede sistêmica, iluminando, de modo unificado, os mecanismos cognitivos, funcionais e sociais que moldam a representação linguística da violência homofóbica.

### **Considerações finais**

Este estudo partiu do propósito de investigar, sob uma perspectiva integrada entre a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) e a Gramática de Construções (GC), o funcionamento das orações relacionais intensivas com *ser* em relatos jornalísticos de violência homofóbica. Combinando tratamento quali-interpretativo e levantamento de frequências em um *corpus* de 124 ocorrências, argumentamos que cada oração é um subesquema construcional que instancia percursos específicos da rede transitiva; essa dupla ancoragem — construcional e sistêmico-funcional — permitiu mapear, num mesmo gesto analítico, forma, significado e padrão de uso.

Os resultados mostraram o predomínio do modo atributivo (79,04%), no domínio de três subconstruções principais: a CRA-Qualificativa, que introduz atributos escalares e intensifica a carga afetiva da narrativa; a CRA-Classificativa, na qual o Atributo indefinido rotula práticas, espaços e sujeitos como membros de classes negativas; e a CR-Identificativa, que, por meio do determinante definido, funde Símbolo e Valor, estabilizando a identidade de agressor, ato ou consequência. O traço +/-def revelou-se ponto de comutação léxico-gramatical que, simultaneamente, realiza uma opção sistêmica e aciona subesquemas construcionais distintos: –def ativa a categorização prototípica, enquanto +def convoca a ancoragem referencial de referentes já partilhados. A frequência relativa de cada subconstrução sugere que, na prática de relatar, a rota prototípica vai da graduação afetiva à fixação identitária, refletindo demandas comunicativas de denúncia e legitimação do testemunho.

Do ponto de vista teórico, a articulação entre a GC e GSF demonstrou que a noção de protótipo — ancorada na frequência e na saliência — dialoga com a lógica sistema-opção-realização: subconstruções mais recorrentes funcionam como atalhos probabilísticos em percursos sistêmicos de alta demanda discursiva. Inversamente, a rede transitiva esclarece o ponto exato em que um traço morfossintático desloca a interpretação de qualificar para classificar ou identificar, tornando visível a plasticidade polissêmica de *ser* e a hierarquia de herança construcional que organiza o inventário da língua.

No plano sociocultural, as orações analisadas constroem um gradiente de legitimação discursiva: primeiro intensificam a experiência subjetiva da agressão, depois enquadram práticas e lugares em categorias estigmatizantes e, por fim, consolidam identidades e responsabilidades sem margem para contestação. Esse encadeamento constitui um recurso narrativo que alinha leitor e vítima, reforça a gravidade da violência homofóbica e denuncia a lógica social de exclusão que a sustenta.

Reconhecemos, contudo, que o *corpus* se restringe a relatos jornalísticos brasileiros publicados entre 2014 e 2019. Pesquisas futuras podem ampliar o escopo para outros gêneros e línguas, testar a robustez do comutador *+/-def* em contextos diversos e integrar dimensões prosódicas ou multimodais à malha construcional. Ainda assim, os achados já evidenciam a potência explicativa do modelo híbrido: ao conciliar motivação social, mecanismos cognitivos e recorrência formal, ele ilumina as engrenagens semióticas que sustentam usos na gramática do português brasileiro contemporâneo e oferece um caminho frutífero para análises que desejem abarcar a linguagem na complexidade de suas múltiplas dimensões de uso e significado.

## Referências

BYBEE, J. L. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: OUP, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. D. **Cognitive linguistics**. Cambridge: CUP, 2004.

DAVIDSE, K. A semiotic approach to relational clauses. **Occasional Papers in Systemic Linguistics**, v. 6, p. 99–131, 1992.

DAVIDSE, K. **Categories of experiential grammar**. Nottingham: University of Nottingham, 1999.

DAVIDSE, K. Semiotic and possessive models in relational clauses: thinking with grammar about grammar. **Revista Canaria de Estudios Ingleses**, n. 40, p. 13–35, 2002.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. Londres: Pinter Publishers, 2001.

FAWCETT, R. **A theory of syntax for systemic functional linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

FERNANDES, Y. 10 relatos que mostram a importância de criminalizar a lgbtfobia. **Projeto Colabora**, 13 fev. 2019. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods5/relatos-para-entender-por-que-brasil-deve-criminalizar-lgbtfobia/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The case of the alone. **Language**, v. 64, p. 501–538, 1988.

GIUSTI, I. 20 histórias reais que mostram que agressões psicológicas sofridas por gays são tão traumáticas quanto as Físicas. **Buzzfeed Brasil**, 06 out. 2014. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/irangiusti/situacoes-que-lgbts-passam-e-mostram-que-homofobia-vai-alem>. Acesso em: 20 abr. 2019.

GOLDBERG, A. **Constructions**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. D. (org.). **The Oxford handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15–31.

HALLIDAY, M. A. K. Some Aspects of Systematic Description and Comparison in Grammatical Analysis. In: FIRTH, J. R. (ed.). **Studies in Linguistic Analysis (special volume of the Philological Society)**. London: Basil Blackwell, 1957. p. 54–67.

HALLIDAY, M. A. K. Categories of the theory of grammar. **Word**, v. 17, n. 3, p. 241–292, 1961.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: The social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition**. London; New York: Cassell, 1999.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. J. (org.). **Language and Society – Volume 10**. London: Continuum, 2007.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 4. ed. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London: Arnold, 2014.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what Categories reveals about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Language on language: the grammar of semiosis. **Social Semiotics**, v. 1, n. 2, p. 69–111, 1991.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical cartography**: English systems. Tokyo: International Language Sciences Publishers, 1995.

MIRANDA, P. Conheça histórias de pessoas que sofreram homofobia na família. **UOL**, Recife, 17 mai. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/listas/conheca-historias-de-pessoas-que-sofreram-homofobia-na-familia.htm>. Acesso em: 20 abr. 2019.

OLIVEIRA, G.; JORGE, T. Basta de homofobia: relatos de gay, lésbica, bi, trans e travesti no esporte. **Globo Esporte**, Fortaleza, 19 jun. 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ce/noticia/basta-de-homofobia-relatos-de-gay-lesbica-bi-trans-e-travesti-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2019.

PEROBELLI, A. Homossexuais relatam agressões e preconceitos e dizem: “não esqueceremos”. **Uol**, São Paulo, 16 jun. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/listas/homossexuais-relatam-agressoes-e-preconceitos-e-dizem-nao-esqueceremos.htm>. Acesso em: 20 abr. 2019.

QUERINO, R. Depoimento de jovem gay que sofreu ataque homofóbico em Santos viraliza nas redes sociais. **Bol**, 12 jul. 2018. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/depoimento-de-jovem-gay-que-sofreu-ataque-homofobico-em-santos-viraliza-nas-redes-sociais>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SANTANA, J. L. R. F. **É difícil andar na rua sem ter medo**: o papel das cláusulas relacionais em relatos de vítimas de violência homofóbica. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

STEEL, R. G. D.; TORRIE, J. H. **Principles and procedures of statistics**: a biometrical approach. 2. ed. New York: McGraw-Hill Book Company, 1980.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. London: Edward Arnold, 1996.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. D. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

## Sobre os autores

*Jhonathan Leno Reis França Santana*

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3315-5292>

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Mestre em Estudos Linguísticos e graduado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Ufes. Professor na rede estadual de educação do Espírito Santo.

*Gesienny Laurett Neves Damasceno*

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6556-9968>

Doutora em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestra em Estudos Linguísticos e graduada em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora do Departamento de Línguas Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Ufes.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2025.